

## Infâncias do Semiárido lançando olhares

DOSSIER RIOS E CIDADES



### Marcelo Silva de Souza Ribeiro

Professor do colegiado de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Doutor em Educação (UQAC/UQAM/Québec/Canadá). Petrolina [PE] Brasil. <marcelo.ribeiro@univasf.edu.br>.

### Resumo

Deflagrando alguns *flashes*, que façam olhares para o universo infantil, este ensaio traz discussões, a partir de um panorama cultural, sócio-histórico e ambiental do lugar/tempo chamado, hoje, de Semiárido nordestino brasileiro. Essas discussões, por meio de problematizações, visam provocar reflexões sobre as construções de infâncias. Assim, o Semiárido nordestino e toda sua diversidade redescoberta, apesar das contradições e enormes ameaças ambientais, deve ser encarada também sob o ponto de vista da subjetividade. Seria possível, então, falar de uma subjetividade infantil do semiárido? De maneira mais específica, como pensar e abordar suas infâncias? Estas perguntas nortearam o ensaio, que se pautou em analisar literaturas de cordéis, registros fotográficos e conteúdos oriundos da interação direta com as crianças em contextos diversos. As idiosincrasias do semiárido, suas carências históricas e as inúmeras construções sociais desse lugar/tempo forjaram o humano também de maneira diversa, apesar de algumas possíveis apreensões comuns. As infâncias, que já somadas aos legados do mundo ocidental, acompanharam, fizeram parte, criaram e feneceram no próprio movimento do vir-a-ser do semiárido.

### Palavras-chave

Universo infantil; Semiárido; Subjetividade.

### Glancing at childhoods in the Semiariid

### Abstract

Triggering some flashes that glance at the childhood universe, this essay presents discussions – based on a cultural, socio-historical and environmental panorama – from a place/time nowadays called Brazilian Northeastern Semiariid. These discussions aim, through problematizations, to provoke reflections on the construction of childhoods. Thus, the Northeastern Semiariid and all its diversity rediscovered, despite the contradictions and huge environmental threats should be seen also from the point of view of subjectivity. Is it possible, then, to speak of a child subjectivity of the Semiariid? More specifically, how to think and approach their childhoods? These questions guided the essay, which was based on analyzing cordel (string) literature, photographic records and content coming from direct interaction with children in different contexts. The idiosyncrasies of the Semiariid, its historical shortcomings and the many social constructs of this place/time also forged the human in different manners, despite some possible common apprehensions. Childhoods, added to the legacy of the Western world, followed, took part, created and withered in the very movement of coming-to-be of the Semiariid.

### Keywords

Childhood universe; Semiariid; Subjectivity.

## Olhar de apresentação

Este ensaio traz discussões a partir de um panorama sócio-histórico-cultural e ambiental de infâncias do Semiárido brasileiro. Apesar do trabalho se caracterizar como ensaio, justamente pelo aspecto experimentalista, tanto do ponto de vista metodológico quanto dos desdobramentos teóricos, os elementos das discussões foram elaborados a partir de um certo rigor (MACEDO e GALEFFI, 2009 ; ANDRÉ, 2001) via recursos fotográficos, literatura de cordel e a interação direta com crianças. As bases empíricas, portanto, daí oriundas são postas em reflexão considerando, sobretudo, o chamado “lugar/tempo Semiárido” como palco de produção de subjetividades, ou melhor, de sentidos de infâncias. É apresentado ao leitor, portanto, uma breve discussão sobre as variações e contradições que o Semiárido vem passando e como isso pode impactar no humano que se forja em meio às vivências. Em seguida, a questão dos sentidos de infância nesse contexto será melhor definida para, finalmente, adentrar nas descrições dos elementos que foram apreendidos. Estes então serão retomados de maneira problematizada, seguindo a questão já posta, que são os sentidos de infância. As considerações, ao final, lançarão olhares sobre os sentidos de infância deixando reflexões que intentarão ir além da descrição sobre os mesmos.

## Olhar para o Semiárido

O Semiárido, portanto, e toda sua diversidade redescoberta, apesar das contradições, ameaças, tensões, desafios e possibilidades sociais, ambientais, culturais, econômicas, etc. é encarado, neste trabalho, também sob o ponto de vista da subjetividade, ou melhor, para se compreender os sentidos humanos e, conseqüentemente, as subjetividades é imprescindível considerar o Semiárido como um lugar/tempo constituído e constituidor de pessoas. Longe de uma visão ambientalista que toma o meio como formador do humano em sentido estreito, como faziam psicólogos do começo do século passado ao dizer que a região geográfica marcava a personalidade dos sujeitos (como uma tábula rasa), a visão aqui defendida se alicerça nas concepções interacionista, iniciada por George Mead; na visão sócio-histórica, desenvolvida por Lev Semenovitch Vygotsky; e na perspectiva dialógica da formação humana (FREIRE, 1970; FONSECA, 2014). Tais concepções, apesar de terem ramificações diversas, compartilham troncos à medida que tentam romper com a dicotomia entre sujeito e objetivo ou entre homem e natureza. O princípio da intencionalidade, tão caro à fenomenologia, por exemplo, compreende que toda consciência é voltada para um objeto e vice versa, de modo que tais separações são aparentes ou apenas faces de uma mesma moeda. Um outro tronco comum é a ideia de que ao agir no mundo o humano se transforma, transformando o mundo. Esse agir, que é também necessariamente simbólico, se dá na vivência de experiência, na dialogicidade das relações e na dialética da relação transformadora.

Consoante com a ideia de ecologia humana (MARQUES, 2005; 2006) que, em sua matriz, propõe pensar o ecossistema incluindo o elemento humano, o mundo simbólico e as produções de subjetividade, propomos falar aqui de sentidos de infâncias ou subjetividades de infâncias do semiárido, o que tem, neste momento, para nós, equivalência. As especificidades, portanto, do Semiárido, com todas as suas carências e riquezas históricas e com as inúmeras construções sociais, forjam o humano também de maneira diversa, apesar de algumas possíveis apreensões comuns. Isto significa dizer que é possível falar de um humano do Semiárido considerando o que existe de específico, mas também sem negar sua universalidade. E ainda de modo mais preciso ao tema do nosso ensaio é possível falar de infâncias do Semiárido atravessada por toda história e culturas tradicionais sertanejas, mas também via os processos de globalização, mundialização e intimidade com as novas tecnologias e efeitos da comunicação de massa.

O Semiárido brasileiro, também entendido como Sertão, é uma região onde as chuvas ocorrem de maneira irregular, o que termina por provocar as chamadas secas. O Semiárido cobre cerca de 8% do território brasileiro, envolvendo os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e norte de Minas Gerais, com aproximadamente vinte e dois milhões de habitantes. Entretanto, das regiões semiáridas no mundo é uma das que apresentam maior índice pluviométrico. Palco de inúmeras representações, sobretudo que retratam sua aspereza, o Semiárido vem, atualmente, passando por grandes transformações.

Semiárido vem sendo, tradicionalmente, retratado como um lugar seco, duro, difícil e forjador de homens rudes e valentes. É também representado como um lugar distante, um esmo, um sertão que guarda segredos, que esconde e que traz mistérios. Sem adentrar na discussão sobre as possíveis representações do Semiárido, o que queremos aqui é extrair a imagem do Semiárido como um lugar/tempo que foi inventado algumas vezes (ALBUQUERQUE, 2001) e que, atualmente, passa um momento de nova reinvenção, justamente por viver os impactos da contemporaneidade, principalmente da globalização. Só a título de ilustração é possível falar de grandes empreendimentos atualmente em cursos, como a transposição do Rio São Francisco, a Transnordestina e a criação dos Institutos Federais e Universidades inauguradas em várias cidades do Sertão Nordeste. Além desses empreendimentos é possível ainda apontar para a nova dinâmica social e econômica desencadeada com os programas de bolsas dos governos ou os programas de saúde como o Programa de Saúde da Família (PSF) e o processo de industrialização da agroindústria, como é o caso do Vale do São Francisco (FRANCA, 2008), sem falar na penetração cada vez mais profunda e rápida da internet e comunicação de massas via as novas tecnologias. Tudo isso, sem dúvidas, tem impactado toda uma vasta região que até algumas décadas atrás estava restrita a representação de um lugar sem fim, longe, que não serve para nada ou quase nada, atrasado, de grande pobreza e tristeza... A questão, finalmente, desafiadora que deve ser posta é se esses empreendimentos estão fertilizando ou desertificando a vida, ou melhor, que sentidos de infâncias têm produzidos.

É nesse sentido que Unger (2001) aborda o processo de desertificação da vida e a consequente necessidade de buscar novas fontes, traçando um paralelo, mesmo que metafórico com o Semiárido. Tomando a compreensão da criança como intérprete e, ao mesmo tempo reprodutora de sua cultura (CORSARO, 2011), cabem indagações sobre as experiências de infância em um mundo (Sertão – Semiárido) que está em pleno processo de transformação, seja por causa do desenvolvimento econômico, do estreitamento entre o mundo urbano e rural, pela presença das novas tecnologias ou mesmo pelos aspectos mais macro sistêmicos (BRONFENBRENNER, 1996) que terminam impactando o desenvolvimento das crianças.

Como o próprio Franca (2008) aponta, o Semiárido Nordeste passa por profundas transformações, o que desencadeia, por sua vez, contradições e desafios. Dentre estes é possível destacar o desalojamento das crianças, que tinham suas infâncias acomodadas em contextos rurais, comunitários e alicerçadas em longínquas tradições culturais. Apreendendo a ideia do psicólogo social Ciampa (1998), de que a identidade deve ser compreendida como movimento e na sua imbricação com a história e a sociedade, as infâncias, que já somadas aos legados do mundo ocidental, acompanham, fazem parte, criam e fenecem no próprio movimento do vir-a-ser do Semiárido. Sendo assim, faz parte do próprio processo identitário das infâncias o movimento, a transformação, as mudanças e, conseqüentemente, o surgimento, no fluxo social e histórico, de renovadas identidades de infâncias.

Sustentamos ainda a ideia de que, mesmo considerando o movimento e a processualidade identitária, os sentidos de infância do Semiárido estariam marcados pela dimensão do lugar e do tempo, de modo que se faz necessário um entendimento dessas dimensões para compreensão dos sentidos de infâncias produzidos. Caberia ainda indagar se também no Semiárido estaria em processo o chamado desaparecimento da infância (POSTMAN, 1999).

Assim, tais sentidos ou subjetividades reproduzem e ao mesmo tempo interpretam o lugar/tempo Semiárido à medida que encarnam as transformações sociais e culturais com contornos diferenciados. Esse lugar/tempo, aqui nomeado e delimitado pelo Semiárido Nordeste, de acordo com as nossas compreensões, continua a forjar infâncias conectadas com suas tradições, apesar da forte presença das transformações sociais, sobretudo em relação às novas tecnologias e comunicação de massa. Estes sentidos ou subjetividades de infâncias, finalmente, revelam que há lugar para idiosincrasias e para as tensões entre o “velho e o novo”, mas também para se pensar em infâncias que são afetadas como um todo.

Partindo dessas escolhas e compreensões, desde já lançamos alguns olhares que se traduzem também em perguntas que norteiam a sistematização do ensaio. Como falar, então, de uma subjetividade do Semiárido? E sendo mais específico, como pensar e abordar seus sentidos de infância?

## **Caminhos dos olhares**

Deflagrando alguns *flashes*, que disparam olhares para o universo infantil, o caminho metodológico adotado foi, como já anunciado, diversificado. Lançou-se mão, portanto, de recursos fotográficos, literatura de cordel e a interação direta com crianças, sobretudo nas brincadeiras. Os recursos variados, mesmo sendo aparentemente díspares, possibilitaram uma triangulação de fontes e também contato com espaços e tempos onde as infâncias foram apreendidas, seja por elas mesmas em ação, seja indiretamente em uma observação distanciada, seja diretamente no contato intenso com elas mesmas ou via a representação embutida na literatura, que revela arraigadas concepções. A seguir, falaremos mais detalhadamente sobre cada um desses recursos e meios.

No que diz respeito aos recursos fotográficos, foram registrados “flagras” de crianças em momentos e contextos diversos, que revelaram nuances de sua condição de viver a infância. De maneira sistemática, ao longo de quatro meses, em percursos variados em cidades do Semiárido, principalmente em Juazeiro [BA] e Petrolina [PE], foram registradas cenas de crianças brincando, exercendo alguma atividade ou simplesmente se expressando nos espaços públicos. É importante frisar que estes registros se deram de maneira anônima, espontânea e imprevisível. Sendo assim, as fotos e as cenas registradas não tiveram consentimento das crianças e nem dos responsáveis, mas houve o cuidado de guardar o anonimato e não identificar as crianças, ou seja, foram fotos e registros de um ângulo e distância que não permitiram identificações pessoais. Destes registros buscou-se apreender o que existe de novo ou de tradicional, o modo como as relações eram estabelecidas, se individualizadas ou coletivas, os recursos utilizados nas brincadeiras e as condições sociais em que as crianças se mostravam.

Sobre as apreensões via os recursos fotográficos foi possível destacar crianças interagindo com idosos, crianças em brincadeiras tradicionais, como corrida de saco e pula-pula de corda. Registrou-se também crianças brincando na rua de bicicleta e ao mesmo tempo gravando no celular as piruetas que faziam. Além desses “flagras”, foram registradas cenas de crianças trabalhando, conduzindo carros, ou pedindo dinheiro aos transeuntes.

Em relação a literatura de cordel, a temática infância foi destacada, sobretudo nas obras vendidas em feiras das cidades de Petrolina [PE] e Juazeiro [BA], pesquisas na internet ou em outras cidades do Nordeste, como Maceió e Recife (BORGES, 2009; CALHEIROS, 2003 e 2007; SOARES, 2004; SOBRINHO, 2005; TEIXEIRA, 2008; VIEIRA, s/d). Sobre esta fonte, buscou-se analisar em que concepções as infâncias eram retratadas ou postas na literatura, como por exemplo: o papel do menino e da menina e sentido de infância com conotação negativa, como a criança que tem pouco valor, como a criança que é vista como um ser quase sagrado.

Na literatura de cordel, apesar de não ter sido possível encontrar uma variedade de trechos ou mesmo cordéis dedicados ao tema “criança e infância”, as representações apreendidas revelaram uma infância inferiorizada, como, por exemplo, debaixo da mesa, juntamente com os cachorros (cordéis de Jorge Calheiros), ou uma infância romantizada (cordéis de David Teixeira), como os “velhos e bons tempos” de uma infância recuperada pela memória de adultos. Já no cordel de Vieira, a questão de gênero sobre a infância foi retratada.

Por fim, as interações diretas se deram em momentos espontâneos de brincadeiras, permitindo a inserção no mundo infantil, tanto no ambiente onde o autor circula e transitam crianças, quanto em espaços públicos, onde foi possível algum tipo de contato direto. Destas interações, a análise se deu destacando o nível de relação das crianças e a visão de mundo que elas expressavam. Sobre as interações diretas percebeu-se uma infância ávida por aprender e muito demandante da atenção do adulto, principalmente nas brincadeiras de esconde-esconde e de contação de história.

Estes olhares, portanto, permitiram apreender sentidos de infâncias que estão articulados com um espaço/tempo do Semiárido Nordestino e em consonância com fenômenos macro sistêmicos (BRONFEBRENNER, 1996).

## A partir dos olhares: as discussões

Pereira e Souza (1998) apontam para um infância que está totalmente impactada com o mundo produtivista e competitivo, onde a criança tem sua agenda lotada, onde a TV e/ou o game se transformam em babá, onde os pais são ausentes e onde é exposta a cultura do consumo. Porém, pelo menos no que foi possível apreender, essas infâncias do Semiárido, não fugindo a essa exposição apontada por Pereira e Souza (1998), parece encontrar meios outros de produzir suas subjetividades.

Algumas das cenas flagradas, portanto, mostravam crianças interagindo com pessoas idosas, o que faz supor a manutenção de uma experiência de socialização garantida por tradições enraizadas, mesmo que este tempo/espço esteja marcado por profundas mudanças, como as oriundas pelas novas tecnologias. Estas cenas, ainda que fortuitas, indicam que, apesar das mudanças, as crianças e os idosos têm, ainda, seus espaços/tempos de interação, pelos menos em lugares visitados que fazem parte do Semiárido Nordeste.

As relações intergeracionais têm sido apontadas como favorecedoras para o desenvolvimento dos envolvidos (BORGES e MAGALHÃES, 2011), tanto para os mais velhos na relação com as crianças, quanto estas para com os mais velhos. Nessas relações há passagens de valores, ensinamentos, manutenção dos laços afetivos e mesmo desdobramentos positivos do ponto de vista afetivo. Borges e Magalhães (2011) demonstram que, apesar de identificar, em geral, positivamente essas relações, há um declínio desses contatos por causa do acentuado processo de individualização que as sociedades estão vivendo. Tal identificação nos leva a refletir sobre os caminhos do Semiárido, que tem uma tradição preponderantemente mais rural e coletiva, mas vive atualmente o forte impacto da cultura individualista massificada pelo fenômeno da globalização. Em termos de subjetividade, o que se forja dessa tensão cultural, entre o tradicional e o contemporâneo? E as novas gerações, como se constituem? As infâncias estão se forjando de maneira a integrar essas diferenças culturais?

Este suposto sentido integrativo de infâncias também se revela na cena de crianças brincando de bicicleta e ao mesmo tempo gravando no celular as suas piruetas. Este tipo de cena parece revelar infâncias ativas, à medida que as crianças se apropriam dos recursos tecnológicos (como o manuseio do celular e saber postar a gravação da filmagem no *youtube* ou *facebook* para reproduzir as competições de *bike*). É possível refletir que tal modo de brincar indica um sentido de infância que, ao mesmo tempo que reproduz o que a massa faz, compoando a indústria cultural, articula com um modo peculiar de brincar de bicicleta. O entendimento de que a criança é capaz de reinterpretar o mundo tem eco na compreensão de Corsaro (2011) sobre a infância, quando aborda o conceito de reprodução interpretativa. Para este sociólogo da infância, a criança não só reproduz como também reinterpreta o mundo, produzindo novos significados.

Este suposto sentido integrativo da infância não retira a possibilidade de haver também tensões e ambivalências. As infâncias surgem, portanto, em suas ambivalências, mas muito mais pelo modo de como são apreendidas pelo mundo adulto. É nesse sentido que cenas de infâncias em condições de labor e fardo, aparecem ao lado de cenas de infância com sorrisos e em vivências lúdicas. Muito comum nas ruas de Petrolina (mais nas periferias) e Juazeiro (presente também no centro), captar cenas de crianças em situação de vulnerabilidade, seja em situação de trabalho em condições questionáveis, como pedido dinheiro aos transeuntes. Estas cenas, obviamente, não são exclusivas do Semiárido Nordeste, mas não seria possível falar de sentidos de infância nesse lugar/tempo se a questão social e econômica, que afeta fortemente às crianças, não fosse considerada. Nesse sentido, caberia, em outra oportunidade, refletir sobre as relações entre infâncias, classes sociais e etnias (SILVA, 2001 e LIMA, 2011). Mesmo o Semiárido sendo uma região que colonizada via profundos processos de miscigenação, demonstra, em suas superfícies sociais, sinais de preconceito, empurrando para as camadas mais pobres as crianças negras, ou de peles mais escuras. Supondo este fato, como ficariam as questões sócio-étnico-raciais das infâncias em momento de grandes transformações no Semiárido? Algumas coisas estariam na esteira da mudança, mas outras da conservação? As diferenças sociais oriundas de pré-conceitos étnico raciais, sobretudo em relação às infâncias, estariam se perpetuando apesar de certas mudanças sociais, econômicas e culturais?

As crianças, no recorte da literatura de cordel, surgem, ao mesmo tempo, como um ser inferior e que não merece muito respeito e atenção, mas também como um ser que representa o paraíso perdido, algo da dimensão da pureza e do melhor momento da vida. Esses olhares sobre a infância também revelam uma certa dificuldade do mundo adulto enxergar as crianças em suas idiossincrasias. Nesse sentido, Ferreira e Sarmiento (2008) apontam para a questão da invisibilidade da infância:

*A (in)visibilidade da infância e das crianças ganha então uma outra significação, já que tendo sido tacitamente entendida(s) no contexto da família ou das instituições de cuidado e educativas, é reveladora de que elas têm sido ditas pelos adultos e descritas pela sua posição e papéis na sociedade, e não conhecidas como pessoas, com e pelas suas ações e concepções. Isto significa que apesar das crianças existirem e estarem presentes, o que se tornou conhecido acerca das instituições para a infância, “a família” e a “escola”, tem sido estudado com a sua inclusão mínima, permanecendo as crianças quase invisíveis e desconhecidas (FERREIRA E SARMENTO, 2008, p. 68).*

Além das visões “romantizadas” e “encapetadas” das crianças, fruto de sua invisibilidade, os cordéis acessados retrataram contradições nos papéis de gênero. As discussões sobre a identidade de gênero na infância tem sido considerada como importante para entender a questão dos sentidos de infâncias (PINTO e SARMENTO, 1997) e não poderia faltar ao nosso olhar. Assim, no cordel de Viera, “A filha de um pirata. Entre a espada e a sorte”, é contada a história de uma menina que se torna grande lutadora. No começo, o pai não queria ensinar a arte de lutar, mas depois acata a vontade da filha. Esta mantém seus papéis convencionais de menina, mas ao mesmo tempo se assume em outros papéis que são, convencionalmente, atribuídos ao homem, como o ser guerreira ou portar uma espada. Na literatura sobre e do Semiárido, esta imagem da mulher que está bem delimitada ao seu papel, mas também que assume papéis convencionalmente designado aos homens, é bastante comum. Aí reside, portanto, as contradições, pois o Semiárido, apesar de ser considerado como uma cultura eminentemente machista, tem brechas para invenções outras de feminilidade. As infâncias, nesses contextos tem se inventando trazendo essas marcas? Em que medida, por exemplo, as escolas de educação infantil têm possibilitado a reinvenção das identidades de gênero, com delimitações do feminino e do masculino sem cair no machismo?

Outras cenas, sobretudo as advindas das interações diretas, mostram infâncias que, apesar de toda sorte de transformações sociais e culturais, expressam ânsia de aprender e uma forte curiosidade para com as novidades da vida, mas também certa ansiedade de atenção em relação ao adulto. Estes olhares ou cenas mostraram uma infância que reproduz e ao mesmo tempo interpreta seu lugar/tempo Semiárido à medida que encarna as transformações sociais e culturais, dando-o contornos diferenciados. A cena de infância que quer por demais atenção do outro não se aproxima desse humano solitário e deserto, do qual nos retrata Unger (2001)? Mas também não seria uma infância que, apesar de todas as marcas de uma subjetividade contemporânea marcada pelo individualismo, quer o outro? Esse lugar/tempo que é o Semiárido Nordeste não continua forjando infâncias conectadas com suas tradições, apesar da forte presença das novas tecnologias?

### **Olhares finais em consideração**

Longe de apresentar conclusões finais oriundas de resultados, este ensaio, que se propôs “lançar olhares” a partir de registros de cenas do cotidiano de crianças, da literatura de cordel e da interação direta com crianças, de uma da região, apenas sugere que, a partir dessas experiências, as infâncias no Semiárido estariam em processo de transformação, integrando o contemporâneo ao tradicional, e não em desaparecimento absoluto. Se, em certo sentido a infância estaria desaparecendo, seria para uma nova infância, ou novas...

Os olhares foram lançados para cenas de crianças interagindo nos seus contextos e na relação com os adultos na tentativa de apreender sentidos de infâncias, ou seja, nas tensões, ambivalências e contradições das possíveis reproduções, mas também das interpretações de si. Assim, tomando o conceito de Corsaro (2011) de reprodução interpretativa, faltou o olhar para o modo como as crianças têm interferido na sociedade e em seu meio. Caberia, portanto, a pergunta: como as

crianças tem inventando ou contribuído para a invenção desse novo semiárido que tem se configurado?

Por fim, este trabalho visa legar rastros, vultos e pistas que, sendo inspiradoras, canalizem novos olhares para apreender e dar visibilidade às crianças do dia a dia que se alegram, que sofrem, que adoecem, que morrem, que criam e, acima de tudo, que possibilitam e garantem a continuidade da aventura humana do existir.

## Referências

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª Ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- ANDRE, Marli. Pesquisa em educação : buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 113, p. 51-64, julho/2001.
- BORGES, Carolina de Campos e MAGALHÃES, Andrea Seixas. Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. **Estudos de Psicologia**, 16 (2), p.171-177, maio-agosto/2011.
- BRONFENBRENNER, Urie. **A Ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CIAMPA, A. da C.. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- CORSARO, W. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FERREIRA, Manuela e SARMENTO, Manuel Jacinto. Subjectividade e bem-estar das crianças: (In)Visibilidade e voz. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 2, n. 2, nov. 2008.
- FONSECA, A. **Bosquejos de Categorias em Psicologia Ambiental Fenomenológico Existencial**. Disponível em <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/bosquejos-de-categorias-em-psicologia-ambiental-fenomenologico-existencial>>. Acessado em 25 de março de 2014.
- FONSECA, A. **Psicologia Ambiental Fenomenológico Existencial. Rogeriana. Gestáltica**. Disponível em <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/psicologia-ambiental-fenomenologico-existencial>>. Acessado em 25 de março de 2014.
- FRANCA, Celso Sales. **A imagem do Vale : reestruturação agrícola e mudança social no Vale do São Francisco**. Petrolina [PE]: Editora Franciscana, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1970.
- LIMA, Maria Batista. Identidades étnico-raciais, infância afro-brasileira e práticas escolares. In. Rocha e Kramer (orgs.). **Educação infantil. Enfoques em diálogos**. Campinas [SP]: Papyrus, 2011, p. 139-156.
- MACEDO, Roberto Sidnei e GALEFFI, Dante. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa : educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MARQUES, Juracy (org.). **Ecologias de homens e mulheres do semiárido**. Paulo Afonso [BA]: Fonte Viva, 2005.
- MARQUES, Juracy (org.). **Ecologias do São Francisco**. Paulo Afonso [BA]: Fonte Viva, 2006.
- PEREIRA, Rita Marisa Ribes; SOUZA, Solange Jobim. Infância, Conhecimento e Contemporaneidade. In: **Infância e produção cultural**. Campinas [SP]: Papyrus, 1998, p.37-48.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel. **As crianças: contextos e identidades**. Portugal: Ed. Universidade do Minho, 1997.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Grafhia Editorial, 1999.

SILVA, Cristiane Irinéa. Acesso de crianças negras à educação infantil. In. Rocha e Kramer (orgs). **Educação infantil. Enfoques em diálogos**. Campinas [SP]: Papyrus, 2011, p. 121 – 138.

UNGER, Nancy Mangabeira. **Da foz à nascente: o recado do rio**. São Paulo: Cortez Campinas [SP]: Editora da Unicamp, 2001.

### **Referências dos Cordéis**

(produções independentes e muitas sem referências).

BORGES, José Francisco. **A história de Dom Bosco em cordel**. Petrolina [PE], 2009.

CALHEIROS, Jorge. **Maloqueiro Zé Catraca**. Maceió [AL], 2003.

CALHEIROS, Jorge. **Vida de boca de ponche**. Maceió [AL], 2007.

SOARES, José. **O rapaz que casou com uma porca**. Bezerros [PE], 2004.

SOBRINHO, Joaquim Luiz. **História dos bodinhos e a princesa interesseira**. Bezerros [PE], 2005.

TEIXEIRA, Davi. **O filho de Januário**. Recife [PE], 2008.

VIEIRA, Cícero (Mecó). **A filha de um pirata. Entre a espada e a sorte**.